

Exmo Sr. Presidente do CGT

Senhores conselheiros do Conselho Geral Transitório

Caros professores, pais, assistentes técnicos e operacionais,

Caros companheiros na missão educativa:

Caros alunos

No momento de tomada de posse como Directora desta escola, momento este que sem dúvida assinala uma viragem importante no exercício das funções de direcção dentro da escola (ainda que de certa forma imposta pela tutela), quero começar por agradecer a confiança que o Conselho Geral Transitório depositou em mim e no projecto que submeti à sua consideração. Como referi nesse mesmo projecto, elaborado especificamente para a Escola Secundária de Cantanhede, a minha candidatura fundamentou-se em três pressupostos que neste momento se mantêm:

1) A constatação de que a Escola em geral atravessa neste momento uma grave crise de identidade, com o seu “rosto” constantemente “maquilhado” por sucessivas reformas, nova legislação, novas incumbências e exigências que, muitas vezes, em vez de orientarem, desorientam e confundem quem trabalha quotidianamente no terreno educativo.

2) O conhecimento da ESC, acumulado ao longo dos quase dezoito anos em que aqui trabalho e dos doze anos em que tenho pertencido à direcção executiva;

3) A convicção de que devo colocar esse conhecimento acumulado ao serviço da ESC, dando o meu contributo sério e empenhado para que esta escola mantenha o seu “rosto” de instituição educativa credível, capaz de dar resposta aos desafios que cada vez mais se colocam à Escola sem, no entanto, perder a herança de mais de trinta anos de trabalho e dedicação colocados ao serviço dos jovens deste Concelho por tantos dos que aqui trabalharam e continuam a trabalhar.

Num momento em que a ideia das lideranças fortes se impõe como paradigma e em que a avaliação nas suas diversas formas (interna, externa, de desempenho) faz surgir a ideia da prestação de contas como uma espécie de fantasma mobilizador de todas as nossas acções, quero deixar ficar clara a ideia, que muito acarinho, de que as lideranças na escola são múltiplas e de que só a conjugação positiva de todas as lideranças que nela se exercem podem transformá-la numa escola de referência.

O professor deve ser líder na sala de aula, o director de turma deve ser líder no conselho de turma, o coordenador ou o chefe de serviços deve ser líder do grupo que coordena e em última instância cada um deve ser líder da sua própria vontade, de forma a exercer com rigor e profissionalismo as funções de que está incumbido.

Dirigir uma escola é neste momento um trabalho que exige uma resistência física e uma resistência psicológica sólidas, uma capacidade de dar horas e horas de trabalho a essa tarefa e uma noção muito clara de que ninguém é perfeito e não há de facto super-homens ou super-mulheres capazes de resolver todos os problemas com uma varinha mágica. A tarefa há-de pois resultar inevitavelmente do esforço diário para mobilizar o que de melhor tem a escola como organização educativa – as pessoas que nela trabalham. Só com essa mobilização, só contando efectivamente com as pessoas, é que será possível levar por diante os inúmeros projectos e as inúmeras responsabilidades que todos os dias entram pela porta da escola dentro, a desafiar quem a dirige e quem nela trabalha a tomar posição, a repetir experiências positivas mas sobretudo a aceitar as negativas como oportunidades para aprender a fazer melhor.

No exercício das funções que agora assumo conto com as vossas críticas e com os vossos reparos mas conto também com a vossa compreensão, as vossas sugestões e o vosso trabalho.

Como refiro no pequeno cartão que quero deixar convosco para assinalar esta tomada de posse, para mim, o poder só faz sentido quando é assumido como serviço em prol do bem comum.

Assim Deus me ajude a levar este compromisso até ao fim.

Maria Manuel Fael Gonçalves de Matos